



Brasil

Planalto selvagem

Numa noite de tédio, cinco garotos melancólicos e apáticos tocam fogo num índio para se divertir

Daniela Pinheiro e Gerson Camarotti

Com espinhas no rosto, apaixonados por carros e com problemas na escola, os cinco rapazes que atearam fogo e assassinaram o índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, 44 anos, eram meninos de classe média iguais a tantos outros. Max Rogério Alves, 19 anos, Antônio Novély Cardoso de Vilanova, 19 anos,

Eron Chaves de Oliveira, 19 anos, Tomaz Oliveira de Almeida, 18 anos, e o menor G.A., 16 anos, irmão de Tomaz, tinham a vida inteira pela frente. Mas era sábado à noite, de um fim de semana longo, e eles queriam divertir-se. "Vamos dar um susto num mendigo?", alguém sugeriu. E eles foram, num único carro, o Monza de Max. Eram 3 e meia da madrugada quando toparam com um sujeito dormindo ao relento, num ponto de ônibus. Era Galdino, o pataxó perdido na capital.

Os cinco seguiram para um posto de gasolina, onde compraram 2 litros de álcool. Não voltaram depressa para o ponto de ônibus. Ficaram passeando pela cidade, por uma hora e meia, tempo suficiente para discutir o que fazer e até para mudar de idéia. Às 5 da manhã, o grupo estava parado diante de Galdino, sempre dormindo, sem defesa. Foi Eron quem derramou o combustível. Devagarinho, começando pelos pés, depois pela perna, até o tronco. Em seguida, acenderam palitos de fós-

foro. Houve uma explosão, os meninos se assustaram tanto que um deles se lembrou de tapar os olhos do menor G.A., para que ele não visse a cena. O grupo de cinco rapazes ficou ali, parado, mesmerizado.

Só depois que o índio Galdino acordou, começando a se debater em pânico, entre labaredas, eles saíram correndo. "Primeiro vi uma bola de fogo no ponto de ônibus. Só depois reconheci um homem", lembra a estudante Tatiana Parreira, 17 anos. Ela voltava para casa no Opala branco de um amigo de colégio, Nairo Magalhães, 19 anos. Tatiana olhou para o Monza dos meninos: "Só vi o Eron. Os outros já estavam dentro do carro e gritavam: 'Corre, corre, corre!' ", lembra, contando que Eron entrou com o carro já andando. Nairo foi atrás do Monza, repetindo a placa para não esquecer — "JDQ-5807, JDQ-5807, JDQ-5807" —, até que Tatiana anotou o número na mão. Nairo deu marcha à ré, estacionando ao lado do índio. No local já

Eron, Tomaz, Novély e Max, rapazes daqueles que comemoravam o Dia do Índio na escola, presos depois de confessar o assassinato de Galdino (abaixo): "Achamos que era apenas um mendigo"

estava o advogado Evandro Castello Branco Pertence, filho do presidente do STF, Sepúlveda Pertence, de volta de um casamento com a namorada.

Pertence tentou apagar o fogo com o paletó, que ainda tinha um cravo branco na lapela. "Pega o extintor!", grita para a namorada. O índio se debateu. Agitou os braços. Curvado, zanzou de um lado para o outro: "Ai, ai, ai". Uma vez, disse: "Me ajude". Nairo jogou o casaco. O índio tropeçou, tombou à beira da calçada. Gemeu. Tatiana achou água e derramou sobre ele: "Ai, ai, ai". Chegou um Fusca. Descem dois amigos, que jogam cerveja no índio. Nairo pega o seu extintor. Esguicha: "Ai, ai, ai". Chega um carro da PM. O grupo cerca a viatura. Um rapaz do Fusca agarra a gola da camisa do PM e berra: "Faz alguma coisa, polícia. Leva o corpo para o hospital". Eles chamaram uma ambulância dos bombeiros. Pertence notou que ainda havia brasa numa perna: "Ai, ai, ai". "A gente não acreditava. Se fosse bicho, eu teria dado um tiro de misericórdia", conta o sargento Rojas Rodrigues.

"Max Tyson" — A pele do índio desgrudou, como se ele estivesse derretendo. O resto da calça grudou na pele. O asfalto grudou na pele. Galdino já não se debatia. Só gemia. Os bombeiros chegaram, levaram-no ao hospital, numa maca de madeira — se fosse acolchoada, grudaria. Amanheceu em Brasília. Às 2 da manhã da segunda-feira, dia de Tiradentes, Galdino morreu.

Menos de duas horas depois que os rapazes saíram correndo do ponto de ônibus, deixando o índio entre labaredas, tocou o interfone da casa de Max. O PM Marcelo de Araújo Alves pede para ver o Monza e, vagamente, diz que o carro esteve envolvido num crime. Dos cinco rapazes, Max é o que tem a

melhor situação financeira. Sem ter conhecido o pai, foi criado pelo padrasto, o ex-ministro do Tribunal Superior Eleitoral, TSE, Walter Medeiros, que se casou com sua mãe quando ele tinha 4 anos. No apartamento da família, Max e suas duas irmãs têm, cada um, o seu próprio quarto. No de Max existem duas linhas telefônicas — uma para o computador — e TV a cabo. Ele andava bem. Há sete meses namorava a estudante Carla Montenegro, de 16 anos. Com ela, Max gostava de ir ao cinema ver comédias. "Ele não suporta filme de violência e de terror", diz a mãe da garota. No dia 1º de abril do ano passado, Max começou a trabalhar no escritório de advocacia do padrasto. Para culminar, estava no auge de sua forma física. Usava roupas e sapatos de grife, mas era o corpo

que traía sua vaidade. Fez tanta musculação que ganhou o apelido de "Max Tyson".

Depois de examinar o Monza, os policiais levam Max à delegacia. Calmo, ele começa negando tudo. Depois, confessa. Às 8 horas, o delegado sai com três agentes e Max para prender os outros quatro. Os policiais vão à casa de Novély. Quem



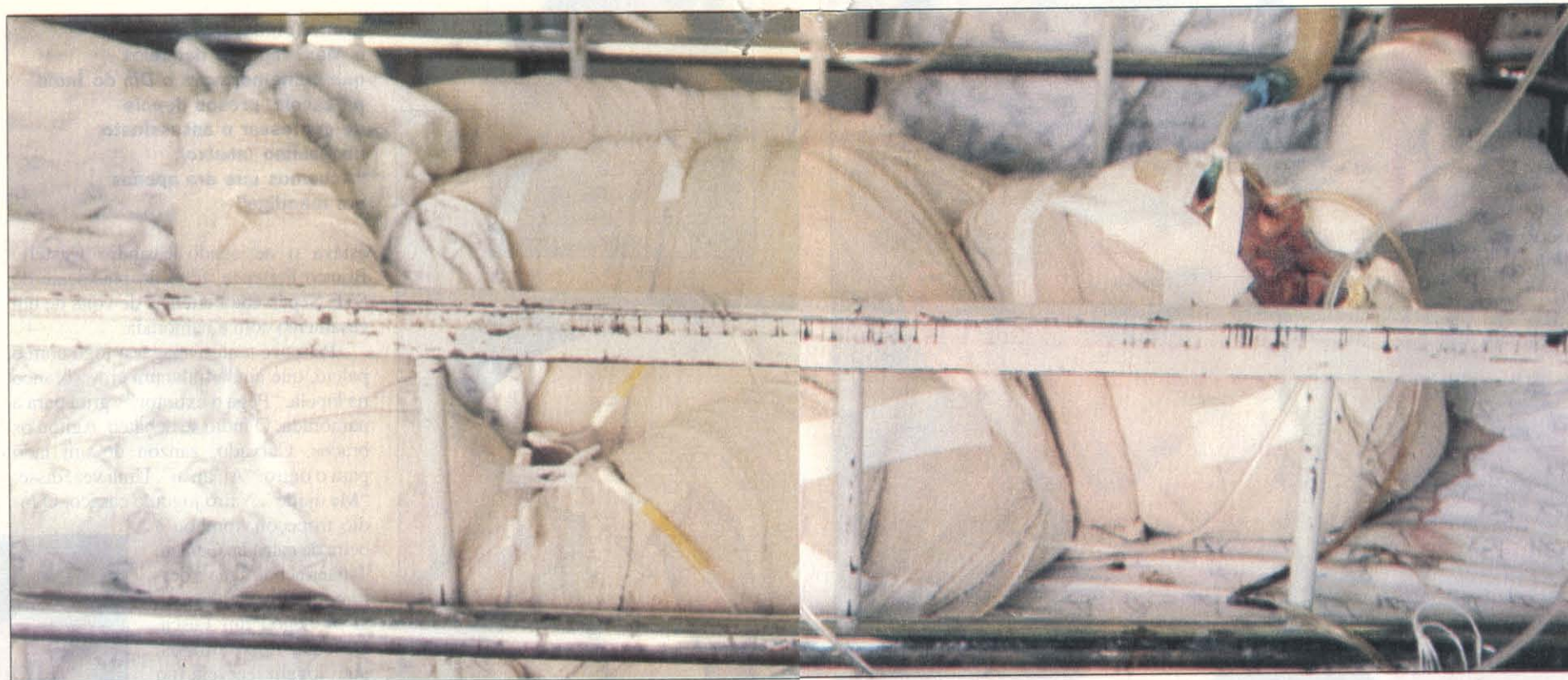
abre a porta é sua cunhada, com um bebê de colo. Os agentes entram no quarto: "O senhor está preso". No camburão, Novély e Max não se olham nem se falam. A segunda parada é na casa de Eron. Sua mãe atende à porta. Quando os agentes se identificam, Eron vem encontrá-los. "A mãe perguntou o que ele fez", lembra o agente Renato Emery. "Eu não fiz nada", responde o rapaz. Os agentes contam a história. "Não acredito que meu filho tenha feito isso", diz a mãe. A última parada foi para pegar os irmãos Tomaz e G.A. Dessa vez quem atendeu foi o padrasto. "O que eles fizeram?", pergunta. "Estão envolvidos em crime", responde o agente. Os quatro maiores de idade podem pegar 34 anos de prisão cada um, calcula o delegado Valmir Alves de Carvalho. O menor de idade pode ficar detido até três anos.

Os cinco amigos estudam e trabalham. Praticam esportes. Não fumam. Bebem socialmente. De uso de drogas não se tem notícia. Estavam lúcidos

O índio no hospital, pouco antes da morte e minutos depois do horror: pele grudada no asfalto

naquela noite. Na delegacia ninguém quis fazer exame de dosagem alcoólica nem antitóxico. Está certo que não são bons alunos, tanto que quatro largaram colégios convencionais para fazer um supletivo — mas isso não é motivo para incendiar uma pessoa, certo? Eron é primo dos irmãos Tomaz e G.A., e eles são três amigos inseparáveis. Nos finais de semana, iam sempre no carro de Eron, para o Gilberto Salomão, região de bares frequentada por adolescentes das classes média e alta. Os três são aquele tipo com que se cruza na fila do cinema do shopping ou a quem se pede ajuda quando o pneu do carro está furado. Eron era trabalhador e mantinha bom relacionamento com o pai, o tenente-coronel reformado da PM Eronivaldo José de Oliveira Silva. Rafael Fernandes, 18 anos, que mora no mesmo prédio de Eron, lembra-se do rapaz como alguém prestativo e educado. “Na semana passada, minha mãe estava voltando do supermercado, cheia de pacotes; ele saiu do carro e foi ajudá-la. Levou tudo até o elevador.”

Pernas depiladas — VEJA ouviu 43 pessoas que conhecem os três meninos. Elas falam em uníssono sobre o temperamento dos jovens: melancolia, falta de entusiasmo, indiferença quase absoluta. Ninguém se lembra de um episó-



FOTOS: RONALDO DE VIEIRA/CP PRESS

dio em que Eron, Tomaz ou G.A. tenham vibrado por alguma coisa ou se esforçado para tê-la. Eram tão parecidos entre si que também empregavam o mesmo vocabulário para expressar a adesão a um programa: “É, pode ser, véio”. Era sempre assim, dando de ombros, tanto faz. “Ninguém entende o que aconteceu. “Eles seriam incapazes de fazer alguma coisa para o mal”, diz

o amigo e vizinho Luís Otávio Batista, 18 anos.

Tomaz é introspectivo, uma incógnita para seus colegas da faculdade. É o único dentre os amigos a fazer curso superior. Patrícia Anne Lago, 21 anos, sua colega por um ano e meio, diz ter ouvido sua voz apenas quando respondia à chamada. “Ele não faltava a nenhuma aula. Mas não emitia um som.” Ela e

a amiga Meire Nadja, 20 anos, lembram-se dele por algumas características: “É feio, estrábico, baixo, o rosto cheio de espinhas e tinha as pernas depiladas”. Como praticava triatlo (natação-corrida-bicicleta), raspava os pêlos do corpo a cada vinte dias.

O triatlo foi durante cinco anos desafio e fonte de frustrações constantes para Tomaz. Sua bicicleta era de

segunda mão e, muitas vezes, teve de pedir dinheiro a um tio para financiar as viagens em competição. Desistiu do esporte no ano passado. Era um atleta medíocre. Seus 1,65 metro e 65 quilos não ajudavam, pois precisava ser mais alto e mais ágil. Treinando como um desesperado entre 1995 e 1996, houve dias em que pedalou 160 quilômetros e correu outros 20 em sete horas. Seu

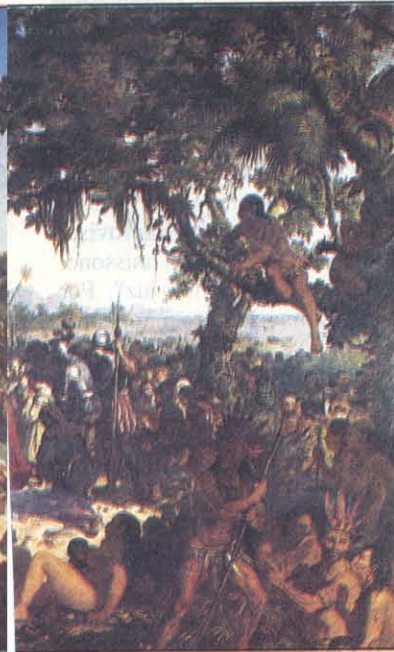
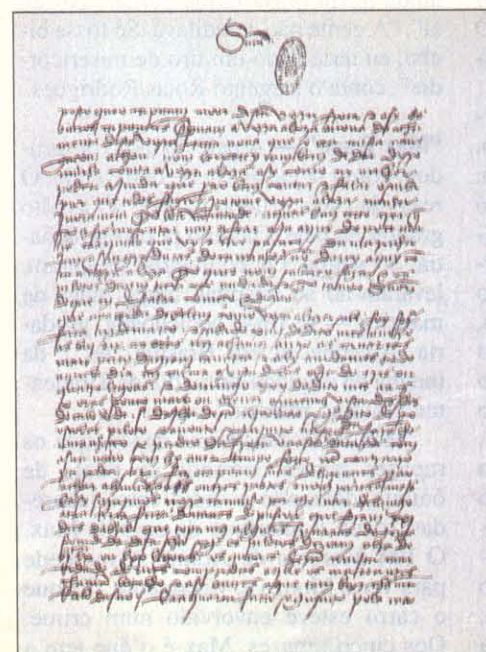
treinador nos últimos dois anos, Roberto Landver, diz ter visto Tomaz empenhado em conseguir algo apenas uma vez: em agosto do ano passado, quando queria participar da viagem da equipe de Brasília para o mundial de triatlo em Cleveland, nos Estados Unidos. Ele não tinha os 2 500 reais e, novamente, pediu dinheiro ao tio. Foi sua primeira viagem ao exterior e, outra vez, um fracasso — não se classificou. Tomaz incomodava-se com a impopularidade com as garotas. Várias vezes pediu conselhos a Landver sobre como abordar uma menina. Numa resposta inusitada, o treinador aconselhou-o a ler revistas femininas.

O irmão de Tomaz, G.A., tem um histórico escolar diferente. A primeira repetência aconteceu em 1990, na 4ª série, quando a família voltou para Brasília. Foi um período difícil para os meninos. Três anos antes, o pai deles, o dentista Gutemberg Nader de Almeida, fora assassinado em uma briga com um caseiro quando morava em Itabuna, na Bahia. A tragédia derrubou a família. A mãe dos garotos, Naira Nadja Oliveira de Almeida, também dentista, mudou-se para Eunápolis com os filhos. Depois, rumou para a capital federal, onde morava seu irmão, Eronivaldo José de Oliveira Silva, pai de Eron.

G.A. é um aluno ruim, desinteressado. Mas, apesar das notas baixas — foi reprovado no final do ano passado com 3,5 em matemática e 3 em português —, nunca foi expulso da sala de aula nem se envol-

A vida imita a arte

Em quinze passagens da carta do “Achamento” que endereçou ao rei de Portugal em 1500, Pero Vaz de Caminha enfatizava que os nativos andavam nus, sem cobertura alguma. “Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto”, relatava. Em 1861, cioso dos pudores da época, o pintor Vitor Meirelles cobriu os genitais de todos os índios com tangas e produziu a sua *Primeira Missa no Brasil*. Em 1997, séculos depois de abandonar o naturismo de seus ancestrais, os atuais pataxós adotaram adereços à la Vitor Meirelles para cobrir suas partes pudendas e fingir-se de índios



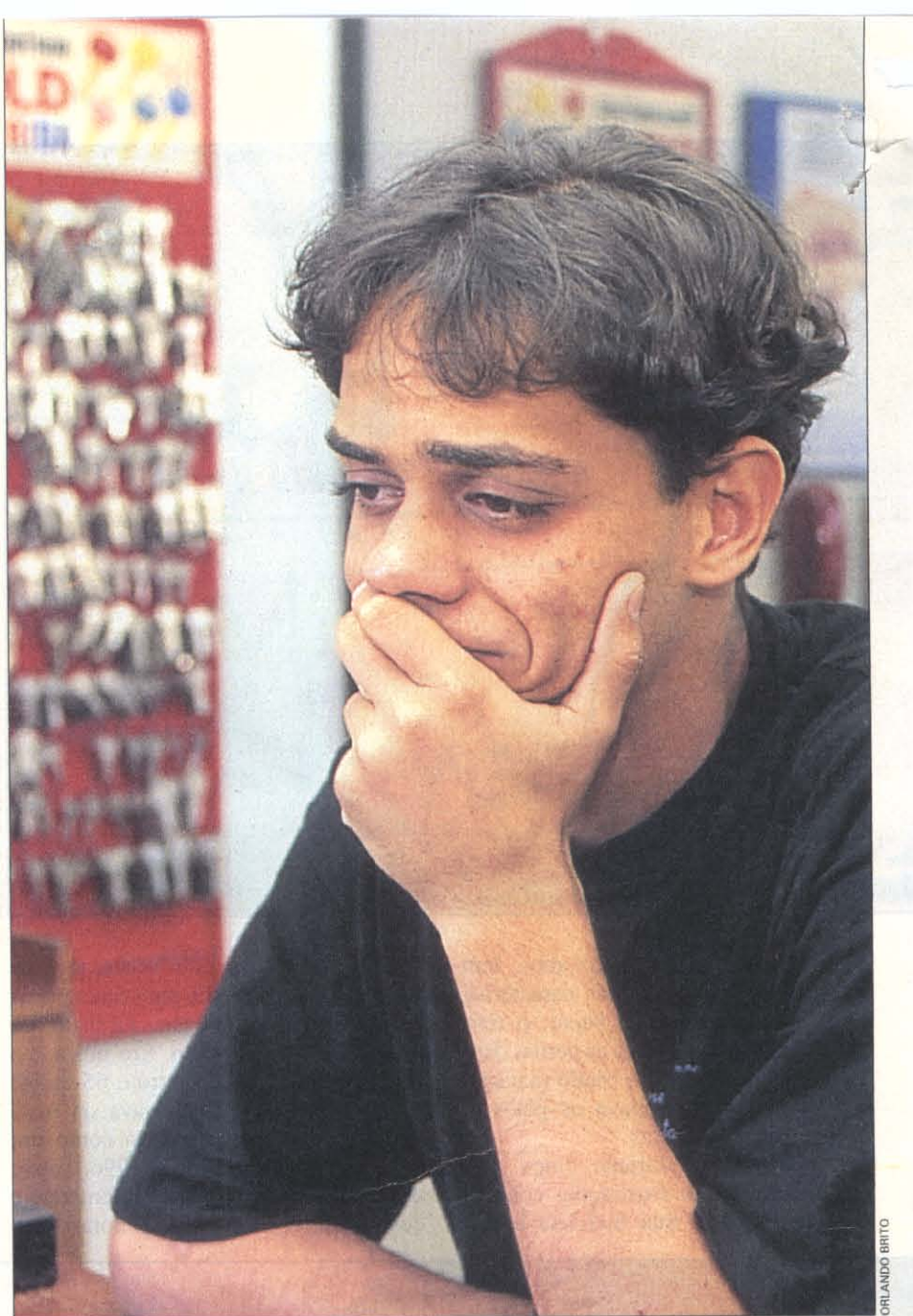
MARCIO LIMA

veu em brigas. Não tinha amigos na escola nem inimigos. Passava o recreio sozinho, fazendo palavras cruzadas. Dois colegas disseram que G.A. “era um bobo”. Não saía para beber em um bar a 500 metros da escola, também não falava sobre as meninas com quem “ficou”. Provavelmente porque nunca “ficou” com nenhuma. “O cara era totalmente apagado. Ninguém se lembrava dele quando combinava as coisas”, diz Gustavo Borges, 18 anos, da mesma sala. Os amigos dizem que G.A. falava com entusiasmo só de um assunto: o Vasco da Gama. Jamais tirava da cabeça o boné do time.

Franzino e com o rosto cravejado de espinhas, G.A. mantinha o cabelo castanho-claro cortado à surfista. Tomaz, o irmão mais velho, era seu ídolo. Quando Tomaz começou a praticar triatlo, G.A. foi junto. Ficou cinco meses e desistiu. Tinha preguiça de acordar cedo e achava que não conseguiria pedalar por seis horas seguidas. Em maio do ano passado, matriculou-se em uma academia de jiu-jítsu. Desistiu em agosto. Um colega explica por quê: “Ele não batia, não tinha força. Quando ia lutar, só apanhava”.

Não falava — Na semana passada, o juiz da 7ª. Vara da Justiça Federal, Novély Vilanova da Silva Reis, estava aniquilado. Seu filho, Antônio Novély Cardoso de Vilanova, era um dos meninos presos. “Não sei se o meu coração vai agüentar quando eu for visitar o meu filho na prisão”, diz o juiz, olhos marejados. O menino do juiz viveu feliz até 1994, quando seus pais se separaram. Foi uma separação tumultuada que traumatizou pais e filhos. Na época, Novély tinha 16 anos. O garotão alegre e maroto se transformou num adolescente retraído. Em março, começou a trabalhar como digitador da Companhia Nacional de Abastecimento, Conab. Ganhava 300 reais. Na repartição, onde trabalhava oito horas por dia, quase não falava. “Era um rapaz respeitador e humilde”, diz um colega de trabalho.

Eram 13 horas do dia 22 de abril — 497º aniversário da chegada de Cabral à terra dos pataxós — quando os homens da tribo, a 560 quilômetros de Salvador, começaram a passar entre si um potinho plástico de margarina cheio de uma pasta vermelha. Corpo e rosto pintados com urucum, eles iniciaram uma dança na estrada que leva à cidade de Pau Brasil, a mais próxima da aldeia. O índio Galdino tinha ido a Brasília para



Nairo Euclides: “JQD-5807, JQD-5807, JQD-5807”, atrás do Monza

exigir a devolução das terras pataxós, griladas por fazendeiros. Assassinado, tornou-se mais um mártir de um povo cheio de mártires. Passava das 2 horas da tarde quando chegou à aldeia o comboio trazendo seu corpo.

Hoje, os pataxós são pouco mais de 4 000 indivíduos aldeados e mais 3 000 dispersos pelas cidades e roças do sul da Bahia. De seu idioma, apenas palavras soltas persistem. Quase nada ficou da tradição: cocares que usam nas solenidades são copiados das imagens de índios que vêm em velhos livros escolares. Na cerimônia fúnebre de Galdino, uma pataxó chamada Michelle — sim: Michelle — Souza Santos, 10 anos, desfilou orgulhosa seu cocar, emprestado de

um índio mais velho. No adorno havia peninhas cor-de-rosa tiradas de um espanador. Na hora dos cantos de guerra, desaparecidos, surgiu uma improvisação. Um hino católico, em uníssono, pedia: “A nós descei, divina luz”. Por fim, todos atacaram em coro a *Suíte dos Pescadores*, de Dorival Caimmy:

*Minha jangada vai sair pro mar
vou trabalhar
meu bem querer.*

Os meninos assassinos desculparam-se pela morte do índio dizendo que foi um “engano”. Pensaram tratar-se de um mendigo. Era. Um mendigo índio. ■

Cíntia Campos, de Pau Brasil, Bahia,
e Sandra Brasil, de Brasília